

Entre *Diferenças* sociais e a *Indiferença*: os olhos dos pobres a desvelar nossa cegueira cotidiana em “*Les Yeux Des Pauvres*” de Charles Baudelaire

JEAN FELIPE DE ASSIS*

Resumo: O pequeno poema em prosa *Les Yeux des Pauvres* de Charles Baudelaire mostra-nos como os avanços da sociedade mediante a constantes modernizações não caminham lado a lado ao cuidado de todos os seus cidadãos e à compreensão pessoal ou social dos acontecimentos. Os debates sobre as diferenças sociais e a indiferença são apresentadas em diversos momentos do desenvolvimento burguês em França, e.g., Jean Jacques Rousseau e Jacques Brel. Nas diversas prosas dos pequenos poemas de Baudelaire esses dilemas são apresentados e também repercutem em nossa condição civilizatória atual, quando há o reconhecimento das *diferenças* econômico-sociais e a luta por empaticamente superarmos nossas *indiferenças*. O autor francês utiliza-se de uma relação amorosa para constatar a *incomunicabilidade do pensamento, mesmo para aqueles que se amam*, desferindo uma crítica social pela analogia existente entre sua amada e aqueles que partilham de sua cegueira e indiferença diante dos avanços civilizatórios burgueses.

Palavras-chave: Crítica Literária; Baudelaire; Diferença Social; Ética.

Between social differences and the Indifference: the eyes of the poor unveiling our daily blindness in “Les Yeux Des Pauvres” of Charles Baudelaire

Abstract: Charles Baudelaire's little poem in prose, “*Les Yeux des Pauvres*”, reveals how social developments through constant modernizations do not entail care to all citizens, nor awareness or understanding of social events. There are many debates on social *differences* and *indifference* at various moments of the bourgeois developments in France, e.g., Jean Jacques Rousseau and Jacques Brel. These dilemmas are emphasized in multiple examples of Baudelaire's little poems in prose, which also shine some light on our present civilization condition where there is acknowledgment of social-economic differences in face of struggles to empathically overcome our indifference. This French author uses a loving relationship to assert the *incommunicability of thoughts, even for those who love each other*: he professes a deep social critique in an analogy between his lover and those who share her blindness and indifference in particular bourgeois civilizational progresses.

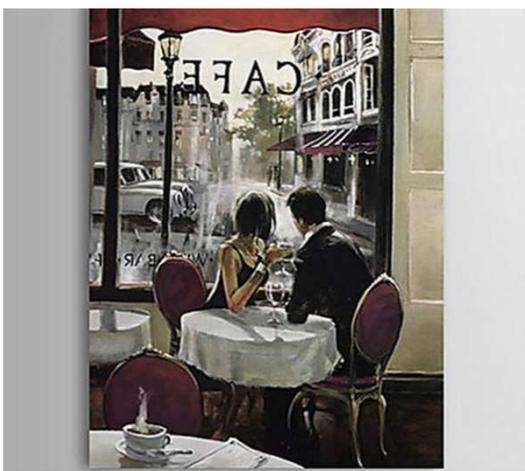
Key words: Literary Critique; Baudelaire; Social differences; Ethics.



* JEAN FELIPE DE ASSIS é Doutor em Filosofia e História das Ciências, com estágio pós-doutoral em Filosofia na UFMG

*La sottise, l'erreur, le péché, la lésine,
Occupent nos esprits et travaillent nos corps,
Et nous alimentons nos aimables remords,
Comme les mendiants nourrissent leur vermine.
Nos péchés sont têtus, nos repentirs sont lâches;
Nous faisons payer grasement nos aveux,
Et nous rentrons gaiement dans le chemin bourbeux,
Croyant par de vils pleurs laver toutes nos taches¹.*

*La Nature est un temple où de vivants piliers
Laissent parfois sortir de confuses paroles;
L'homme y passe à travers des forêts de symboles
Qui l'observent avec des regards familiers.
Comme de longs échos qui de loin se confondent
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent².*



Todos que vivem em grandes centros urbanos constantemente presenciam as *diferenças* e as *indiferenças* sociais tão profundamente enraizadas em nossas constituições pessoais e comunitárias. Enraizadas em nossas “*ignorâncias*”, nossos “*erros*”, nossos “*pecados*” e nossa “*falta de generosidade*” – *sottise, erreur, péché, lésine* – a ponto de “*ocupar nossos espíritos*” e estarem em nossos corpos, sujeitando a nós mesmos e aos próximos

de nós a condições *sub-humanas* de existência. Muitos – e mesmo aqueles que buscam manter um olhar *empático* e crítico – naturalizam a *diferença* social existente e justificam as cruéis *indiferenças* por diversas formas de inteligência. Tornaram-se acontecimentos comuns as abordagens por medicantes, famílias de pedintes ou meninos e meninas de rua ao partilharmos uma refeição ou sentarmos em um bar, em um café ou em uma padaria. Enquanto estamos imersos em nossas atividades diárias de extrema relevância para a sociedade, para o seu desenvolvimento social e econômico, são creditadas aos excluídos incapacidades de adequação e, portanto, afirmadas *as consequências lógicas* de sua exclusão. Nesse cenário, é bastante comum as condolentes defesas de programas sociais, necessários para remediações esporádicas de um dano histórico, mas quase sempre insuficientes para uma real transformação dos

¹ BAUDELAIRE, Charles. “Au Lecteur”. In *Les Fleurs du Mal*. Oeuvres Complètes: Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1961, 5.

² BAUDELAIRE, Charles. “Correspondances”. In *Les Fleurs du Mal*. Oeuvres Complètes: Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Éditions Gallimard, 1961, 11.

indivíduos e, portanto, de uma concreta modificação social, histórica e cultural. Infelizmente, em cenários cada dia mais polarizados pelos extremismos cegos que corroboram nossas cotidianas segregações, as violências institucionais, e também as paternalistas, corroboram nossas *diferenças* segregacionistas e sustentam nossa *indiferença* social. Habitamos em “*uma floresta de símbolos*” em que os “*perfumes, as cores e os sons*” podem nos auxiliar na perene necessidade de superar as “*confusas palavras*” instauradas em nosso meio social pelas quais as *diferenças* sociais são justificadas e a *indiferença* se manifesta fortemente.

Embora o Brasil possua características únicas em sua formação social, as quais devem ser consideradas, ponderadas, estudadas, analisadas seriamente, há similaridades entre o nosso caótico progresso e os processos de urbanização com as respectivas formações das castas cidadinas de outros centros. O *pequeno poema em prosa, Les Yeux des Pauvres*, de Charles Baudelaire³ mostra-nos como os avanços da sociedade mediante a constantes modernizações não caminham lado a lado ao cuidado de todos os seus cidadãos e à compreensão pessoal ou social dos acontecimentos. Tema importantíssimo ao longo da história ocidental, as questões centrais sobre *diferença* social e a *indiferença* são também apresentadas em momentos distintos da consolidação burguesa francesa: o pensamento de Jean Jacques

Rousseau no século XVII e a interpretação musical de Jacques Brel no século XX. O célebre filósofo francês contrasta os avanços feitos pelas ciências e pelas artes com a ínfima realização de avanços sociais para a maioria dos seres humanos. Reitera tal posicionamento também ao opor a liberdade de nascimento e as cadeias nas quais os humanos estão submetidos ao longo de toda a história⁴. O famoso cantor francês, por sua vez, avalia a sociedade burguesa de seu tempo constatando que o afã revolucionário dos mais jovens é modificado quando esses ascendem aos poderes e as benesses do sistema social estabelecido. Ao princípio, os jovens se entretêm em discussões intelectuais, e.g., Voltaire e Casanova e por volta de meia noite atacam aos magistrados da elite que se encaminham a um hotel; ao fim, todavia, os mesmos jovens, partilhando as mesmas discussões, estão eles mesmos entre os magistrados, no mesmo hotel, reclamando a um comissário de polícia por estarem recebendo as mesmas afrontas que proclamavam em suas juventudes. *Les Bourgeois*, música de Jacques Brel, proclama enfaticamente em seu refrão: *Les bourgeois c'est comme les cochons, Plus ça devient vieux plus ça devient bête* (BREL e CORTI, 2016).

Pode-se constatar em nossas sociedades, enraizadas ainda em bases similares à produção capitalista burguesa, que “*quanto mais velhos*”, mais “*bestiais tornamo-nos*”. Como os “*porcos*”, engordamos pela fartura promovida pelo sistema; cegamo-nos sem perceber que

³ BAUDELAIRE, Charles. “Les Yeux Des Pauvres”. In *Le Spleen de Paris. Oeuvres Complètes: Bibliothèque de la Pléiade*. Paris: Éditions Gallimard, 1961, 269-269. Todas as citações originais são feitas a partir dessa edição e, por corresponder a apenas duas páginas, a citação desse poema não será repetida constantemente ao longo desse artigo.

⁴ Em seu Discurso sobre a desigualdade, premiado em concurso público, Rousseau constata que os

progressos científicos e artísticos não fomentaram um maior conhecimento ou um maior cuidado sobre o humano (ROUSSEAU, 2018). Ademais, na introdução do seu livro sobre a teoria do *Contrato Social*, constata que apesar de nascerem livres, os humanos estão sempre entregues às cadeias de ferro (ROUSSEAU, 2013). Mostra-nos, portanto, a discrepância existente entre as propostas do avanço do saber e o avanço social.

nossa engorda nos conduz a matadouros particulares, embora em pequenas ascendências sociais e entradas em círculos de respeitabilidade social. A exemplo das perguntas de Rousseau sobre a *Educação* e o *Contrato Social*, assim também estão as disparidades entre nossos avanços intelectuais e nossas práticas morais, aceitamos a nossa submissão e submetemos outros à rejeição social. Esses são alguns dos temas de destaque em *Les Yeux des Pauvres*. Ao refletir sobre temas tão caros, a perpassar outros poemas de *Le Spleen de Paris*⁵, o autor utiliza-se de uma relação amorosa para constatar a *incomunicabilidade do pensamento, mesmo para aqueles que se amam*⁶. Na presente leitura crítica do escrito, pondera-se também sobre a análise social por analogia ao amor existente entre autores e leitores na sociedade burguesa de produção cultural. Para tanto, apropriar-se-á da *indiferença* da amada para a causa dos mais pobres como um sinal da cegueira social da sociedade parisiense em transformação, a causar o sentimento abjeto no narrador, desejoso de o explicar ao descrever um acontecimento específico.

O primeiro e o último parágrafo da narrativa de Charles Baudelaire

⁵ Após uma breve exposição e crítica de *Les Yeux Des Pauvres*, indicaremos alguns paralelos ao longo das narrativas de *Le Spleen de Paris*, em especial nos poemas: “*Un Plaisant*”, “*Le Joujou du Pauvre*” e “*Assomons les Pauvres!*”.

⁶ “*la pensée est incommunicable, même entre gens qui s’aiment*”.

⁷ O verbo *hair* mostra-se em imediato contraste com a situação amorosa descrita e pensada. É verdade que o sentimento odioso aparece antes mesmo da confissão amorosa. Todavia, ganha maior destaque após a exposição das confissões de amor e do vão desejo de um pensamento comum.

⁸ “*Ah ! vous voulez savoir pourquoi je vous hais aujourd’hui*”

⁹ “*vous voulez savoir pourquoi*”

constatam a dificuldade comunicativa existente, até mesmo entre as pessoas que se amam. O amante narrador inicia sua explicação em prosa não por uma confissão amorosa, mas por expressar um ódio⁷ localizado em um momento específico do tempo presente⁸. Subentende-se que exista um pedido de explicação, por desejo da inaudível interlocutora⁹, a qual é qualificada como o maior exemplo de *impermeabilidade* entre as mulheres¹⁰. De antemão, o prosador constata que não será fácil a compreensão de sua explicação, mas algo ainda mais difícil é a explicação em si¹¹. Ao concluir sua exposição, o narrador enfatiza quão difícil é o entendimento e também quão incomunicável é o pensamento, independente da intimidade e do amor existente entre os dois amantes¹². Ao ser articulada entre essas constatações do amante narrador, pode-se inferir que todo o descrever do acontecimento foi uma tentativa de explicar um sentimento abjeto decorrente do ocorrido; ademais, ao fim, os leitores deparam-se com a dificuldade do entendimento e com a incomunicabilidade do pensamento entre os amantes. Tanto o narrar quanto o compreender exigem experiências, observações, intelectões e exercícios

¹⁰ “*le plus bel exemple d’impermeabilité féminine qui se puisse rencontrer*”

¹¹ “*Il vous sera sans douté moins facile de le comprendre qu’à moi de vous l’expliquer*”. O texto francês enfatiza que será, sem dúvida, mais fácil a compreensão da amada do que a explicação que deseja ser dada.

¹² Conclui assim sua narrativa: “*Tant il est difficile de s’entendre, mon cher ange, et tant la pensée est incommunicable, même entre gens qui s’aiment!*” Observa-se claramente a intimidade e o carinho existentes pelo epíteto “*mon cher ange*” e pela constatação da dificuldade de entendimento e da incomunicabilidade de pensamento, mesmo entre aqueles que se amam. Há, portanto, um paralelismo entre as dificuldades de compreensão e os apostos, vocativos e explicativos, que enfatizam a intimidade de um casal.

comuns que perpassam não apenas o diálogo entre os amantes, mas também a conversa entre autor e leitor. Do mesmo modo que os amantes não conseguem se comunicar por não partilharem os mesmos sentimentos, as mesmas observações e as mesmas interpretações sobre os mesmos eventos, também assim será impossível uma comunicação entre aquele que escreve e o que lê. O sentimento infame, portanto, não se reduz à pessoa amada, mas perpassa o próprio amante e a sociedade em que ambos estão inseridos. A narrativa, material, a unir autor e leitor, que se amam e se encontram nas páginas do livro, carece do olhar que se direciona ao exterior, para além das letras em direção aos olhos dos pobres, para obter sua plena significação perante o desgosto tangível na sociedade. O proposto narrar de uma incomunicabilidade precisa de mais do que uma língua comum, uma mesa comum e um olhar comum: precisa-se de uma avaliação crítica e de uma empatia diante das transformações urbanas e sociais que acontecem ao redor do narrador e de sua amada, ao redor do escritor e de seus leitores, um pensamento comum impossível de ser obtido sem *empatia*.

Entre confissões de amor e desgostos no romance pessoal, constrói-se ao longo do desenvolvimento narrativo uma série de antíteses, e.g., *divergência e convergência de pensamentos, tradições e modernidades, velho e novo, riqueza e*

pobreza, a partir das quais a insatisfação do amante consigo mesmo culminará nos olhos da amada e no não reconhecimento de seus próprios pensamentos¹³.

Inicia a descrição recordando as juras de amor, assim também as promessas de unidade de pensamento e de alma entre os amantes¹⁴. Insere, imediatamente, um testemunho crítico de que tal intensão nunca pode ser realizada, embora sempre sonhada¹⁵. Mostra-se, portanto, que a narrativa não é feita sem uma avaliação acrítica dos acontecimentos, mas esses foram ponderados e organizados de modo a exprimir a mensagem desejada, i.e., a explicação da abjeção particular e localizada do amante à pessoa amada. Há, dessa maneira, dois desejos impossíveis de serem realizados: a plena união de alma e de pensamento entre amantes; e também a comunicação particular dos motivos de asco com a pessoa amada. Tão díspares são os sentimentos e os entendimentos decorrentes da urbanização e da modernização da capital francesa, entre o observador dos olhares mendicantes e a amada inerte na vida burguesa, que a presente dicotomia cria um abismo comunicacional insuperável, embora estejam na mesma mesa, partilhem dos mesmos privilégios sociais e se amem. Do mesmo modo, ainda que autor e leitor encontrem-se na mesma página tecida para a leitura, há uma demanda circunstancial, uma contextualização efetiva, para que a comunicação possa vigorar. Tanto a

qu'une". Promessas de amantes a possuírem pensamentos comuns e a unidade de alma, radicalmente modificada pelo teor do relatado.

¹⁵ "un rêve qui n'a rien d'original, après tout, si ce n'est que, rêvé par tous les hommes, il n'a été réalisé par aucun". Um sonho sem originalidade que se contrasta constantemente com a realidade de todos os humanos. Nesse sentido, o narrar é a explicação da quebra de uma quimera existente, ruptura já tangente em uma avaliação crítica do amor existente, mas também manifesta na composição literária em curso.

¹³ "Je tournais mes regards vers les vôtres, cher amour, pour y lire ma pensée". Diante do acontecimento narrado, a constatação dos pedintes no exterior de um café, o prosador volta-se para a amada com a intenção de ler seus próprios pensamentos, corroborando a ilusória promessa de amor feita, a de possuírem uma única mente e uma única alma em todos os assuntos, apenas para constatar a discrepância de posições.

¹⁴ "Nous nous étions bien promis que toutes nos pensées nous seraient communes à l'un et à l'autre, et que nos deux âmes désormais n'en feraient plus

amada quanto o leitor devem voltar seus olhos para o exterior, em direção aos olhares dos mais necessitados e impossibilitados de partilharem dos bens da sociedade burguesa em expansão. Do contrário, ao não se atentarem para as condições sociais em que são produzidas essas linhas, o impulso erótico e a pulsão narrativa não encontram a unidade desejada: a realização da quimera de um pensamento único entre os que se amam e uma comunicabilidade efetiva na tessitura a ser lida no texto produzido.

O narrar avança pelo desejo da amada em frequentar um café novo. Há uma repetição contínua e crescente das qualificações e das novidades para uma tradição cultural milenar, estar à mesa, descrevendo glórias e esplendores no ambiente parisiense¹⁶. As modernas construções urbanas e arquitetônicas são complementadas pelo mobiliário e pelas formas artísticas, amalgamando tradições

culturais antigas e formas presentes nas quais o narrador sintetiza que “*toda a história e toda a mitologia a serviço da glotonaria*”¹⁷. Por outro lado, todo o esplendor e toda a riqueza descrita são contrapostos pelos “*six yeux*” que contemplavam fixamente o novo local, com igual admiração, mas com pensamentos distintos¹⁸. O trio contrasta fortemente com as descrições feitas sobre a cidade, sobre o local e sobre a vizinhança, mas mantém possuem contraposições corroboradas por suas distintas idades. O pai é descrito por sinais de velhice, marcas de cansaço e com as eminentes tarefas de cuidar da prole¹⁹. Se a amada estava um pouco fatigada e havia decidido visitar o novo café²⁰, o homem no exterior servia de babá e apenas caminhava por um pouco de ar noturno²¹. A narrativa do amante, portanto, descreve, pela singela cena de encontro entre os olhares, as constituições modernas e as expansões

¹⁶ “*vous voulûtes vous asseoir devant um café neuf qui formait le coin d'un boulevard neuf, encore tout plein de gravois et montrant déjà glorieusement ses splendeurs inachevées*”. O narrador atribui ao desejo da amada sentar-se no café, descrevendo paulatinamente as construções novas, a ponto de ainda possuírem sua forma mal-acabada, mas já mostrar a glória e o esplendor.

¹⁷ “*toute l'histoire et toute la mythologie mises au service de la goinfrièrie*” Nota-se pelo adjetivo “*goinfrièrie*” que há um entendimento pejorativo dos modos de apropriação da cultura pelas formas de orientação burguesa. Não se trata apenas de um estar à mesa, mas um comer excessivo. Ponto de referência com a música de Jacques Brel pela associação aos porcos para os hábitos de vida burguesa.

¹⁸ “*et ces six yeux contemplaient fixement le café nouveau avec une admiration égale, mais nuancée diversement par l'âge*.” Diferentemente dos amantes que haviam jurado uma unidade de pensamento fictícia, os três pares de olhos possuíam impressões distintas de acordo com as suas respectivas idades. A *contemplação* e a *admiração* enfatizam o fascínio gerado pelo local, ao mesmo tempo que a narrativa propõe a barreira econômica e social que os impedia de efetivar uma aproximação.

¹⁹ “*un brave homme d'une quarantaine d'années, au visage fatigué, à la barbe grisonnante, tenant d'une main un petit garçon et portant sur l'autre bras un petit être trop faible pour marcher*”. Um bravo homem com aspecto fatigado a carregar um pequeno infante e um filho que ainda não conseguia andar. Há, assim, uma analogia entre o cuidar paterno e o cultivar das instituições culturais estabelecidas.

²⁰ “*Le soir, un peu fatiguée, vous voulûtes vous asseoir devant um café neuf qui formait le coin d'un boulevard neuf [...]*” Na contraposição narrativa, o texto deixa aos leitores as razões e as multiplicidades semânticas das fadigas descritas. Por um lado, a amada mais com um cansaço mental e um marasmo psicológico; por outro modo, o senhor extenuado fisicamente, “*un brave homme d'une quarantaine d'années, au visage fatigué, à la barbe grisonnante*”, reflete também suas desilusões com os avanços sociais.

²¹ “*Il remplissait l'office de bonne et faisait prendre à ses enfants l'air du soir*”. Não ditas são as causas da função exercida pelo homem, todavia em claro contraste com a amada mulher, corroborado ainda pelas antíteses entre interior e exterior; pobreza e riqueza.

urbanas, sociais e culturais da capital francesa, as quais não ocorrerem de maneira uniforme e monolítica, mas existem em diversos níveis de tensão no tecido social: *ricos e pobres, interior e exterior, bens partilhados por uns e bens inacessíveis a outros*. O narrador, em sua árdua tarefa de *explicar o inexplicável* mal-estar que a cena lhe provoca, reduz sua crítica social ao desencontro no pensamento amoroso com sua amada. Constata-se também uma autocrítica, visto que ele também se vê nos olhos, nas ações e nas palavras da amada. Não observa, portanto, apenas personagens e atores sociais específicos, mas o processo de constituição social em que está inserido o eu-narrativo.

Todavia, antes de tornar-se para o seu próprio coração amolecido e pela constatação da *indiferença* da pessoa amada com a cena, o narrador mostra o fascínio comum e a *diferença* de pensamentos na família ao exterior do café. A partir do ponto de visto do narrador, se a admiração e o fascínio são comuns, independentemente da idade, as nuances interpretativas são correspondentes ao tempo vivido por cada um²². O homem pensa no ouro usado, em contrapartida à pobreza do mundo²³; o menino já constata a

impossibilidade de partilhar as benesses da casa, visto estarem no interior e serem apenas para pessoas que não se assemelham a eles²⁴; a criança mais nova não pode comunicar seus pensamentos em palavras, mas tampouco pode esconder a alegria²⁵. Assim, assumindo a proposta do narrador, a casa fascina a todos, ao mesmo tempo em que causa uma *diferenciação* social desde a mais tenra idade da consciência e do reconhecimento de si, sobretudo perante as respectivas posições sociais ocupadas no tecido social.

Assumindo que o prazer tornaria a alma boa e amoleceria o coração²⁶, o amante narrador volta-se para a amada e constata a *diferença* existente entre seus pensamentos, embora distinção inicialmente negada pelas quiméricas juras de amor. Mostra-se, assim, “*enternecido*” e “*envergonhado*”, i.e., sente compaixão por aqueles que não partilham da mesa, ao mesmo tempo em que se encabula por possuir mais do que o necessário²⁷. Ao voltar-se para a amada, em busca de cumplicidade e reconhecimento de um esperado senso comum, a espelhar-se em um pensamento comum que juravam ter, depara-se com a *indiferença social na diferença de pensar*. Os olhos belos, doces, habitados

²² “[...] *Jet ces six yeux contemplaient fixement le café nouveau avec une admiration égale, mais nuancée diversement par l’âge*”

²³ “*Que c’est beau ! que c’est beau ! on dirait que tout l’or du pauvre monde est venu se porter sur ces murs*”. A aparência de beleza adquirida pela riqueza e pelo ouro, repetida duas vezes na frase e enfatizada na narrativa, contrasta com o mundo qualificado pelo adjetivo equivalente a pobre.

²⁴ “*Que c’est beau ! que c’est beau ! mais c’est une maison où peuvent seuls entrer les gens qui ne sont pas comme nous*”. Também o infante afirma a beleza, mas também contrasta com o exterior, visto que aqueles que entram não se assemelham a eles que fora estão.

²⁵ “*ils étaient trop fascinés pour exprimer autre chose qu’une joie stupide et profonde*”. A criança que não pode andar não é indiferente à beleza,

mas não a pode exprimir, a não ser por uma satisfação irrefletida e, portanto, sequer separando o interior e o exterior.

²⁶ “*Les chansonniers disent que le plaisir rend l’âme bonne et amollit le cœur*” O narrador, ironicamente, utiliza-se de um patrimônio imaterial comum a todos os franceses, mas que não é se aplica a todos nessa descrição específica. Conforme constata, somente ele se vê transformado pelo acontecimento: “*La chanson avait raison ce soir-là, relativement à moi.*”

²⁷ Há aqui uma relação de metonímia expressa nas relações entre as coisas que estão sobre a mesa, à disposição dos amantes, e aquilo que é negado aos que se encontram no exterior. Há mais copos e garrafas do que a sede necessita, a ponto de causar atenção à miséria alheia e vergonha pelo excesso.

por caprichosos e inspirados pela lua; as palavras amargas, as atitudes *antipáticas*, o pensamento de distinção e separação social. Assim, constata o que as juras de amor encobriram:

Je tournais mes regards vers les vôtres, cher amour, pour y lire ma pensée; je plongeais dans vos yeux si beaux et si bizarrement doux, dans vos yeux verts, habités par le Caprice et inspirés par la Lune, quand vous me dites: « Ces gens-là me sont insupportables avec leurs yeux ouverts comme des portes cochères ! Ne pourriez-vous pas prier le maître du café de les éloigner d'ici?

Para o narrador de *Les yeux des pauvres*, face aos olhares dos pobres e a pobreza no olhar tão belo da amada, reina a impossibilidade de comunicar seu pensamento e a grande dificuldade de o expressar. Provoca a seus leitores contemporâneos, e profeticamente suscita em nós, a busca por compreensão a romper o abismo entre os amantes, mas também a incomunicabilidade entre leitor e narrador. A narrativa se inicia com a provocativa evocação “*Ah! vous voulez savoir pourquoi je vous hais aujourd'hui*”. Reúne, assim, na crítica feita à *indiferença* da amada, uma análise social que exclui os mais pobres, criando um sentimento de repulsa àqueles que não partilham os mesmos bens de consumo e não se sentam às mesas da, cada mais urbanizada e requintada, capital francesa. O sentimento abjeto do narrador dirige-se à amada, mas perpassa todo o tecido social em questão. Para

superar a distância estabelecida pelos meios da constituição social descrita, deve-se atentar para o olhar dos pobres e a pobreza no olhar daqueles que cercam o narrador, i.e., buscar captar os olhares, os desejos e os sonhos daqueles que estão excluídos pelo processo de expansão social e tentar curar a cegueira daqueles que se sentem incomodados com a pobreza e não com os pobres, a ponto de perpetuarem contínuas segregações.

A presença maciça do proletariado francês das grandes metrópoles, sem qualquer pretensão de uma relação direta com a biografia de Baudelaire, é apresentada constantemente em sua obra, sobretudo, àqueles que podem ser considerados como vítimas das circunstâncias sociais: bêbados, idosos, prostitutas, ladrões, medicantes²⁸. Ademais, os *bourgeois* e aqueles que partilham da sociedade burguesa estão constantemente sob escrutínio, crítica e análise²⁹: não apenas por suas posições na hierarquia social, mas também pelos modos de conquista e manutenção dessa hegemonia pelos avanços tecnológicos, pelas expressões artísticas e pelos diversos modos de expressão do poder que exercem. As descrições das camadas mais pobres e as críticas aos modos de constituição social corroboram os ajustes de uma imagem heroica do artista, na interpretação de Walter Benjamin (1989, 68-101). Ao perpassar o esforço físico para a composição, na presença da fragilidade e da miséria humanas, o poeta retrata as condições materiais da

críticas, constata que todas as formas de saber, sobretudo as artes. Estão intrinsecamente associadas aos modos de dominação política e consolidação das formas sociais burguesas (OEHLER, 2005, pp. 14-21). Esse autor descreve também como os constantes diálogos entre autor e o público leitor apresentam significados a interconectarem sentidos concretos e metafísicos nas críticas sociais de Baudelaire.

²⁸ Nas palavras do autor, se não é possível considerar que Baudelaire tenha uma visão revolucionária, ao menos no sentido social do materialismo científico, pode-se constatar receios e considerações sobre possíveis insurgências sociais devido às desigualdades vivenciadas (JACKSON, 2005, pp. 10-12).

²⁹ Diversas formas de comentários satíricos são feitos ao longo da obra de Baudelaire sobre os modos de vida burguesa. Entre literatura e

população ao ter como “*pano de fundo*” as transformações possíveis de *la modernité* (1989, 68-101).

A exemplo do vivenciado pelo narrador de *Les yeux des pauvres*, o poeta no interior do avanço civilizatório moderno vivencia o *mal-estar da civilização* e somente pode se comunicar diretamente com o público leitor quando esse efetivar a suspeição do véu tecido pelas aparências: avanços científicos, expansões arquitetônicas, vivências artísticas, reuniões em salões institucionalmente segregacionistas. Do mesmo modo que em *Un Plaisant*, o espirituoso homem bem trajado a cumprimentar um asno e não se atinar às condições de um rude trabalhador em plena celebração de ano-novo, o eu-lírico artístico sente uma abjeção ao tecido social: “*une incommensurable rage contre ce magnifique imbécile, qui me parut concentrer en lui tout l’esprit de la France*” (BAUDELAIRE, 1961, p.133).

A desigualdade instaurada pelos processos de expansão burguesa parece irremediável. De um lado, aqueles que associam ao regime político pelas diversas vias de expressão do poder, e.g., artistas, políticos, negociantes; do outro, os excluídos e marginalizados. Em *Assomons les Pauvres!* (BAUDELAIRE, 1961, 304-305) uma defesa narrativa de posições bastante popularizadas ainda hoje é delineada: os mais pobres não são dignos das mesmas liberdades daqueles que estão em posições sociais superiores por não terem sabido conquistar os seus



direitos – “*celui-là seul est digne de la liberté, qui sait la conquérir*”. Diferente da contemplação odiosa nutrida pelo amante de *Les yeux des pauvres*, o estudante desse poema em prosa, a digerir todas as elucubrações das alegrias públicas³⁰,

encontra-se no exterior – nas vias públicas de Paris – e acredita que somente a tomada de ação por aqueles que estão à margem resultaria em uma conquista da liberdade. Para tanto, ataca ao medicante até o momento em que esse, para se proteger encontra forças para reagir: “*ô miracle! Ô jouissance du philosophe qui vérifie l’excellence de sa théorie!*” O *daimon* de Sócrates, um inibidor de desejos, não permitiria tal atitude do estudante; todavia, aquele que sussurrara à orelha do agressor, “*un bon Ange ou un bom Démon*”, é um *daimon* da ação e do combate. Assim, as tensões e os rachas do tecido social constituído por desigualdades recebe uma ação prática nas linhas da literatura.

Tais diferenças na hierarquia social burguesa recebe contornos culturais e psicológicos a beirar descrições encontradas nas obras Fiódor Dostoiévski em outro contexto histórico. Entretanto, há também a possibilidade ideal “*d’un divertissement innocent*” (BAUDELAIRE, 1961, 255-256), distante dos brinquedos e das fantasmagorias produzidas para a satisfação da sociedade burguesa. Em *Le Joujou du Pauvre*, um menino a possuir “*luxe*” e “*le spectacle habituel de la richesse*” prefere atravessar as barras

em si as ideias de que os pobres se viam obrigados à escravidão por serem reis destronados.

³⁰ “*J’avais donc digéré – aval é, veux-je dire, - toutes les élucubrations de tous ces entrepreneurs de bonheur public*”. Tais pensamentos reuniam

simbólicas que o separam de seu semelhante, que o separam de outro mundo³¹. No seio da sociedade dominada pela indiferença e pela segregação ainda é possível romper com as cadeias que nos separam dos humanos que partilham conosco as dores e as alegrias de nossos desenvolvimentos urbanos e civilizatórios. Diferente da amada em *Les yeux des pauvres* que prefere estar reclusa em seu castelo de cristal, cercada pelos avanços e pelos resplendores artísticos e arquitetônicos à vista de todos, duas crianças encontram-se em uma estrada isolada da cidade a rir fraternalmente³²; de maneira distinta do estudante a tentar inserir modos de violência aos mais necessitados para conquistarem seu espaço no tecido social, as crianças riem com dentes de *igual* brancura; diversamente ao elegante senhor que busca receber honra de amigos ao saudar um animal e ignorar o humano por joça, um pequeno rato vivo une as crianças em seu prazer por brincar. Assim, como Rousseau a constatar que nossos avanços intelectuais não permitem um efetivo crescimento moral de nossas sociedades; a exemplo da música interpretada por Jacques Brel em que facilmente nos adaptamos aos modos de vida burguesa e nos tornamos mais bestiais à medida que mais velhos ficamos; as diversas prosas dos pequenos poemas de Baudelaire inserem-nos em um dos grandes dilemas de nossa condição civilizatória atual: o reconhecimento das *diferenças* econômico-sociais e a luta por empaticamente superarmos nossas *indiferenças*.

Referências

- BAUDELAIRE, Charles. Assomons les Pauvres! In: *Le Spleen de Paris. Oeuvres Complètes: Bibliothèque de la Pléiade*. Paris: Éditions Gallimard, 1961, 304-306.
- BAUDELAIRE, Charles. Le Joujou du Pauvre. In: *Le Spleen de Paris. Oeuvres Complètes: Bibliothèque de la Pléiade*. Paris: Éditions Gallimard, 1961, 255-256.
- BAUDELAIRE, Charles. Les Yeux Des Pauvres. In: *Le Spleen de Paris. Oeuvres Complètes: Bibliothèque de la Pléiade*. Paris: Éditions Gallimard, 1961, 269-269.
- BAUDELAIRE, Charles. Un Plaisant. In: *Le Spleen de Paris. Oeuvres Complètes: Bibliothèque de la Pléiade*. Paris: Éditions Gallimard, 1961, 133.
- BAUDELAIRE, Charles. Les Fleurs du Mal. In: *Oeuvres Complètes: Bibliothèque de la Pléiade*. Paris: Éditions Gallimard, 1961, 1-77.
- BREL, Jacques e CORTI, Jean. *Les Bourgeois*. Intérprete: Jacques Brel. Vincennes: Frémeaux & Associés, 2016.
- JACKSON, John E. Charles Baudelaire, a life in writing. In: LLOYD, Rosemary. *Cambridge Companion to Charles Baudelaire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, 1-14.
- OEHLER, Dolf. Baudelaire's politics. In: LLOYD, Rosemary. *Cambridge Companion to Charles Baudelaire*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, 14-30.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Discurso sobre as Ciências e as Artes*. São Paulo: Edpro, 2018.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Do Contrato Social*. São Paulo: Martin Claret, 2013.

Recebido em 2019-02-12

Publicado em 2019-09-11

³¹ “A travers ces barreaux symboliques séparant deux mondes” (BAUDELAIRE, 1961, p.256).

³² “Et les deux enfants se riaient l’un l’autre fraternellement, avec de dents d’une égale blancheur”. (BAUDELAIRE, 1961, p.256).